



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A OFICINA DO OLHAR: DIÁLOGOS ENTRE O CINEMA E A HISTÓRIA DA ARTE EM UMA EXPERIÊNCIA DE ARTE- EDUCAÇÃO NO ENSINO MÉDIO

Paulo Henrique Correia Alcântara*
(UFBA)

RESUMO

O artigo aborda um projeto de arte-educação, a Oficina do Olhar, no âmbito de um colégio da rede pública de ensino de Salvador, durante o qual a linguagem artística foi adotada como condutora da formação complementar dos estudantes. O texto trata do contato destes jovens com a interface entre História da Arte e cinema, num diálogo que permitiu tanto a fruição estética como a experimentação criadora.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Cinema, Arte.

INTRODUÇÃO

Início este artigo relatando um encontro marcante de um adolescente de 15 anos com o cinema. Nesta idade, de plenas descobertas juvenis, fase em que se encontrava aberto para novas e inéditas experiências estéticas, ele assistiu ao filme *Cria Cuervos*, do cineasta espanhol Carlos Saura. Ao final, saiu da sala de projeção impactado com esta perturbadora película sobre a solidão infantil e a capacidade que a criança tem de também ser cruel. Trata-se de uma produção inquietante, sobretudo aos olhos de alguém tão novo. O contato com Saura o estimulou a

* Mestre e doutorando em Artes Cênicas pela UFBA - Universidade Federal da Bahia. Professor do curso de cinema e audiovisual da UESB -Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Integrante do grupo de pesquisa Cinema e Audiovisual: memória e processos de formação cultural. E-mail: phc.alcantara@gmail.com

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

continuar indo ao cinema, ávido por viver momentos tão significativos quanto o sentido com Cria Cuervos.

Recorro a esta história para dizer como o moço ficou tomado com a beleza que a sétima arte pode suscitar, contribuindo para que ele se tornasse cinéfilo e nunca deixasse de ter filmes como parte de seu ser e estar no mundo. Foi pensando nisso que adotei este preâmbulo para falar de Cria Cuervos e melhor introduzir este relato sobre cinema e educação. Vamos a ele:

O presente texto objetiva refletir acerca de uma experiência educativa envolvendo história da arte e cinema para alunos da rede pública de ensino. A vivência artístico-pedagógica aconteceu no âmbito do Colégio Estadual da Bahia-Central e teve como público alvo estudantes do ensino médio do turno matutino desta instituição. Trata-se da Oficina do Olhar, cuja metodologia abarcou a apreciação estética ao lado da prática criadora, intensionando inserir os participantes no vasto e profícuo universo dos grandes pintores e de significativos filmes. Mas, antes de mais nada, se faz necessário uma breve contextualização histórica para situar a importância do Central, como é mais conhecido, no panorama sócio-cultural de Salvador.

Localizado na Avenida Joana Angélica, ponto central da capital baiana, nele estudaram Caetano Veloso e Glauber Rocha, dentre outros artistas e intelectuais que despontaram no cenário local e nacional. O Central, até o início dos anos 1970, conseguiu assegurar o seu prestígio e reconhecimento por ter ajudado a formar gerações com uma base sólida, referência de um tempo em que escola pública era sinônimo de educação diferenciada e porta de acesso à universidade.

Atualmente, a rede pública de ensino, de uma maneira geral, vem enfrentando sérias dificuldades que preocupam educadores, solicitando da comunidade escolar iniciativas que gerem novos mecanismos de ensino-aprendizado, como bem ressaltam Hetkowski e Lima:



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

São inúmeros os problemas que as instituições educacionais municipais e estaduais enfrentam e conseqüentemente contribuem muitas vezes para o aparecimento de situações que dificultam a prática docente em relação a aprendizagem satisfatória dos alunos, desde a disseminação das Tecnologias da Informação e da Comunicação, as atitudes de resistência e o despreparo dos professores para realizar as mediações pedagógicas na sala de aula. (HETKOWSKI, LIMA, 2005, p. 44).

Cabe aos educadores ultrapassar estas resistências, uma vez que apoiar a busca do saber impõe grandes desafios. Para manter o interesse do aluno e impedir que ele desista, é preciso novos estímulos e o incremento de ações para fortalecer a escola. A arte-educadora Adriana Amorim apresenta uma incisiva postura para esta questão:

Hoje repetimos, em coro, que a escola pública mudou, ou acabou, mas ela continua lá. É a mesma. Por mais que lhe tenhamos feito tanto mal no decorrer desses anos, e fizemos, ela continua sendo este espaço. Ainda que as aulas vagas sejam muitas, os professores quase não consigam dialogar com alunos por uma série de fatores, este espaço continua sendo formador de pessoas. Ainda é para lá que nossas crianças, adolescentes e jovens vão todos os dias. Se elas não entendem porque de fato vão mas, ainda assim, vão, é porque há algo escondido, que precisa ser revelado. É urgente que recuperemos o valor do espaço escolar, que lhe devolvamos o afeto a esse pedacinho de mundo. Não se pode continuar dando ouvidos ao conjunto de velhas desculpas como a de que a educação de casa atrapalha, o governo não atua, os jovens não querem mais nada, e pronto: acabou-se o poder de uma das maiores e mais poderosas instituições sociais. Não. Isso não pode ser suficiente para derrubar um conjunto de pessoas inteligentes e bem-intencionadas que atuam na construção de um mundo melhor, dia-a-dia, dentro dos muros da escola. (AMORIM, 2005, p. 28)



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Por uma estética da sensibilidade: aprender a ver

Juntamente com o colega André Lima, cuja formação vem das artes plásticas, ambos professores do curso profissionalizante de Comunicação Visual do Central, articulamos a Oficina do Olhar, partilhando da crença de que a escola deve ser condutora da educação estética como experiência imprescindível para o desenvolvimento do educando. A oficina tinha um perfil multidisciplinar, contemplando a história da arte, o cinema e a prática artística.

A atividade tinha também um caráter transversal, perpassando não só os cursos de Comunicação Visual, mas também de Edificações e Informática.

Vale lembrar que a arte foi assumida como área de conhecimento para o ensino fundamental e médio na nova LDB. Já o termo “estética da sensibilidade”, que consta do Parecer nº 16/99, de Guiomar Namó de Mello e outros, orienta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. A “estética da sensibilidade” é reconhecida como um valor a ser considerado para o desenvolvimento do “gosto pelo trabalho bem-feito”, constituindo-se, assim, em uma das competências do trabalhador.

Ronaldo Reis ressalta que a proposta “novas tendências curriculares em Arte” integrante da edição das diretrizes do MEC (Brasil, 1987) entende o terceiro milênio como o momento “das grandes transformações culturais, sendo este o motivo pelo qual as autoridades educacionais do país aparentemente passaram a reconhecer a importância estratégica do ensino de arte na formação humana.” (REIS, 2005, p.104)

Retomando a Oficina do Olhar, o projeto concebia a arte como fruição e como fazer, incluindo não só o aprendizado na sala onde aconteciam os encontros como na visitação a galerias, museus, cinemas, teatros, numa busca de expansão do olhar, alargamento dos horizontes e socialização de conhecimentos em espaços



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

públicos culturais. Em última instância, a oficina abarcava o “aprender a ver” e o exercício da prática criadora. Em seu relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, Jacques Delors aponta quatro pilares básicos da educação: aprender a ser, aprender a conviver, aprender a conhecer, aprender a fazer. Neste sentido, o conhecimento pelo olhar, promovido pela oficina, estava inserido mais diretamente ao aprender a conhecer.

Os adolescentes conheceram diferentes períodos da história da arte por meio de aulas expositivas que reproduziam pela TV imagens de obras importantes⁵⁸. O conteúdo programático dos encontros (com duração de três horas, duas vezes por semana) contemplava da pré-história até a contemporaneidade. Inicialmente, eram observados trabalhos relevantes em vários segmentos (pinturas, esculturas, monumentos, arquitetura), os alunos analisavam e, em seguida, eram convocados a expressar suas impressões assim como suas indagações, educando o olhar, um “sensível olhar - pensante”, segundo definição de Martins. (MARTINS apud FANTIM, 1986, p.56).

A aproximação inédita com criações até então inusitadas no repertório do grupo despertava fascínio, mas também inquietação com, por exemplo, as provocações de Marcel Duchamp, o enigma da Monalisa de Leonardo Da Vinci, as cores, as dores de Frida Kahlo ⁵⁹e os tormentos da guerra aos olhos surrealistas da Guernica de Pablo Picasso. Cada período estudado, num intervalo de tempo que

⁵⁸ Os alunos entraram em contato com a arte tendo como instrumentos de aprendizagem a utilização do recurso audiovisual, por meio do dispositivo da televisão e do DVD. As tecnologias da informação e da comunicação na *Oficina do Olhar*, mais do que meros instrumentos pedagógicos, constituíam conhecimento em si mesmas. O “meio é a mensagem”, já dizia McLuhan, importante teórico da comunicação. Assim sendo, em contato com a televisão, há que se levar em conta a assimilação, por parte do estudante, de uma obra circunscrita a uma determinada moldura tecnológica, no caso a televisão, diferente da moldura de um quadro. A tela da televisão não captura, fidedignamente, a mesma textura, a mesma luz do quadro original. Poderíamos dizer que, mediada pela televisão, a obra de arte, nesta oficina, cumpre o destino propagado por Walter Beijamim, que, em seu célebre artigo de 1935, chamou atenção para a obra de arte na época da reprodutibilidade técnica.

⁵⁹ A cine-biografia *Frida*, dirigida por Julie Taymor e protagonizado por Salma Hayek, é uma boa opção em sala de aula para o conhecimento da vida e da obra da pintora mexicana Frida Kahlo.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

variava entre uma aula ou duas, era desdobrado na apreciação de filmes, sejam eles documentários ou obras de ficção que mantinham uma certa correspondência com o conteúdo da história da arte. Ao tratar do período pré-histórico, por exemplo, o escolhido foi 2001 uma odisséia no espaço, de Stanley Kubrick. Tal filmografia não era apresentada para ilustrar o que foi apreciado nas pinturas e esculturas, mas para agregar um novo ponto de vista, o cinematográfico, sobre as artes plásticas, numa postura educativa com a qual Rosália Duarte (2009, p.71) corrobora:

Geralmente, a escolha dos filmes que são exibidos em contexto escolar dificilmente é orientada pelo que se sabe sobre cinema, mas, sim pelo conteúdo programático que se deseja desenvolver a partir ou por meio deles. Nesse caso, o filme não tem valor por ele mesmo ou pelo que representa no contexto da produção cinematográfica como um todo; vale pelo uso que podemos ou não fazer dele em nossa prática pedagógica.

Na contramão desta tendência apontada acima por Duarte e acreditando que, enquanto obra de arte, o cinema educa por si, na Oficina do Olhar cada filme merecia uma análise específica de seu conteúdo, seu roteiro, os recursos técnicos adotados. O cinema não surgia como complemento, como um aditivo, mas como linguagem própria, a qual deveria merecer uma atenção específica. O filme era sempre debatido em seus amplos aspectos, com o jovem sendo solicitado a um exercício – paulatino, progressivo, que avançava pouco a pouco - de se voltar para o que foi visto e se colocar. Esta conduta evita o plano aparente do olhar e leva o aluno a ressignificar o que assiste, tornando-o “alguém que, com a mediação necessária, tem a possibilidade de dialogar com o que vê, como continuidade da obra, como processo ativo e criativo.” (FANTIM, 2008, p.57/58)

Soltando a imaginação: aprender a ser

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Ao final de cada dia da oficina, a turma era estimulada a produzir, por meio de desenhos e pinturas, um resultado relativo ao conteúdo assimilado, ou seja, emergia uma criação individual inspirada na arte grega, medieval, no renascimento, na pop-art, entre outros. Este percurso metodológico está sintonizado com a proposta triangular concebida originalmente por Ana Mae Barbosa (1986). Segundo ela, as ações educativas com arte devem gravitar em torno da apreciação estética, do fazer artístico e da contextualização dos enunciados artístico-estéticos. Sérgio Farias complementa esta discussão reforçando que o que se busca atualmente

[...] com o “fazer artístico” e com o trabalho de educação feito com arte é exatamente a reintegração e a valorização das capacidades que são normalmente esquecidas no processo educacional. É de conhecimento de todos que os sistemas de ensino supervalorizam a razão em detrimento das outras capacidades. As sensações, os sentimentos e a intuição não são totalmente desconsiderados, mas também não são muito bem-vistos, e são, em grande parte, deixados de lado e, algumas vezes, até reprimidos. (FARIAS, 2006, p.57).

Mas, na Oficina do Olhar, sensações, sentimentos e intuição, sinalizados por Farias, tornaram-se condutores de um processo que entrelaçou teoria e prática, oportunizando o contato com o mundo vasto das artes plásticas e do cinema, coadunados em um mesmo projeto educacional que também contemplava a criação dos alunos. Mas o início da oficina foi difícil. Era visível o cansaço com que eles chegavam para os primeiros encontros, durante os quais manifestavam sua insatisfação com a manhã de aula na escola (ressaltando que a atividade acontecia à tarde e não era obrigatória). As queixas constantes partiam destes rapazes e moças sonolentos, muitos deles frustrados com a ausência constante de determinados professores, além de outras reclamações reincidentes.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

No entanto, ao longo do tempo, os estudantes entraram em contato com outras dimensões de aprendizado, se deixando seduzir com o renascimento, a vanguarda cubista, a multiplicidade da arte, do cinema e, sobretudo, se aventuraram na experimentação de suas próprias produções. Eles eram incentivados a investir na potencialidade do ato criador, aprendendo que “pela imaginação o homem se afirma como um rebelde. Um rebelde que nega o existente e propõe o que ainda não existe.” (DUARTE JR, 2005, p.100). A crença da arte como fonte de saber, como instância de conhecimento norteou a oficina, cujo itinerário criativo

[...] pode ser observado sob a perspectiva da apreensão de conhecimento que gera. A ação do artista é levada e leva à aquisição de informações e à organização desses dados apreendidos. É, assim, estabelecido o elo entre pensamento e fazer: a reflexão está contida na práxis artística. (JARDIM apud SALLES, 1998, p.37)

Os jovens se descobriram seres dotados de criatividade, pintando, desenhando, colando, moldando, esculpindo, embasados pelas informações de uma determinada corrente da história da arte e estimulados pela apreciação estética dos filmes. O lado inventivo estimulado pela Oficina do Olhar evidenciou o poder de transformação da arte, motivando seus participantes ao longo de um caminho que foi do sono e do cansaço a auto-descoberta pela via da criatividade. Este ato criador constituiu em si grande potencia educadora, como explica Fayga Ostrower (1989, p.142-143):

Os processos criativos são processos construtivos globais. Envolvem a personalidade toda, o modo de a pessoa diferenciar-se dentro de si, de ordenar e relacionar-se em si e de relacionar-se com os outros. Criar é tanto estruturar quanto comunicar-se, é integrar significados e é transmiti-los. Ao criar, procuramos atingir uma realidade mais profunda do conhecimento das coisas. Ganhamos concomitantemente um sentimento de estruturação



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

interior maior; sentimos que nos estamos desenvolvendo em algo essencial para o nosso ser.

Os educandos vivenciaram os aspectos sinalizados por Ostrower e se depararam com um espaço atraente de aprendizado, momento rico de descobertas em vários níveis. Sobre esta questão, o arte-educador Luiz Marfuz reforça a crença de que “a arte desenvolve potenciais, contribui para a inclusão social, ajuda os jovens a fazerem escolhas produtivas e criativas em suas vidas, [...] fortalece o processo de auto-conhecimento e de desenvolvimento pessoal.” (MARFUZ, 2007 apud BASTOS;WENDELL, 2007, p.69).

De olhos bem abertos: aprender a aprender

O cinema foi parte importante deste processo identificado por Marfuz e trouxe para a oficina uma série de componentes que justificaram sua inserção como mecanismo de ensino-aprendizagem. Mônica Fantim (2008) ressalta que filmes acionam imagens no inconsciente, provocam conceitos, implicam numa pedagogia do olhar que permite descortinar um mundo ainda não visto pelo aluno. Já Rosália Duarte, em seu livro Cinema e Educação, sublinha o potencial educativo contido nesta relação.

Filmes são uma fonte muito rica de pesquisa sobre temas e problemas que interessam aos pesquisadores da área de educação. A análise comparativa de diferentes cinematografias pode fornecer um vasto material para estudo e reflexão acerca de estratégias de escolarização e de transmissão de saberes adotados por diferentes culturas em diferentes sociedades. (DUARTE, 2009, p.91)

Assim é que o cinema se somava ao assimilado nos conteúdos de história da arte, numa dinâmica, a um só tempo, estética e lúdica. Esta interação entre as artes



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

plásticas e o cinema fomentava o aprendizado, alternava formas de saber. Na Oficina do Olhar, os filmes ampliavam os dados sobre os artistas e suas criações. Após observar os quadros, os alunos assistiam, dentre outras, a cine-biografias de expoentes como Caravaggio e Van Gogh. Ao estudar o século XVII, por exemplo, eles viram *Moça com brinco de pérola*, do diretor Peter Webber, sobre a vida e a carreira do pintor holandês Johannes Vermeer, responsável pelo famoso quadro de mesmo nome, denominado a “*Monalisa holandesa*.” O filme permitiu um mergulho no universo deste artista, desvendando os bastidores da sua pintura e as circunstâncias que a envolveram. Contardo Calligaris chama atenção para a importância do conhecimento sobre o autor, sobre o seu estilo, o período em que situa sua criação, como ferramentas para o apreciador melhor fruir a obra. Diz Calligaris (2009, p.8):

De fato, o saber pode aprimorar nossa experiência estética: por exemplo, é bom apreciar uma tela de El Greco tendo conhecimento do fato de que ele pintou no século XVI, pois talvez, sem isso, sua incrível ousadia expressionista nos comova menos.

Para finalizar, é preciso reforçar que o cinema, na Oficina do Olhar, não era adotado como instrumentalização, como recurso. O cinema, assim como as artes plásticas, é importante reiterar, produz conhecimento em si. Durante a oficina foram apreciadas obras de grande dimensão, sejam elas plásticas, sejam elas filmicas, fundamentais na formação de um sujeito sensível, culto, criativo. Obras como *Cria Cuervos*, mencionada no início, decisiva para aquele adolescente de outrora que fui e que, agora, ao final deste artigo, me revelo.

Hoje, *Cria Cuervos* é uma marca indelével em minha memória afetiva e segue me acompanhando como um dos mais fortes marcos da minha adolescência e do meu amor pelo cinema. O filme constituiu-se em uma lembrança que ajudava a reforçar minha crença na Oficina do Olhar como um espaço no qual o jovem fosse



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

convocado a ampliar sua percepção em contato com o estímulo de pinturas e filmes que se aliavam no propósito de uma educação estética, cujo raio de ação, é sabido, amplia o imaginário do estudante. Ao lado da arte, o jovem internaliza seus imensos ganhos para uma vida mais bela, com mais poesia e encantamento.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Adriana. Arte, Educação e Conhecimento. **Revista Arte Educa**. Salvador: Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, v.1, n.1, P.25-29, dez. 2006.
- BASTOS, Anaéli S; WENDELL, Ney. **Direitos humanos no combate à violência: ações com adolescentes e jovens**. Salvador: Fórum comunitário de combate à violência; UNICEF, 2007.
- CALLIGARIS, Contardo. Saber e experiência. **Jornal A TARDE**. Salvador: Caderno 2, p. 8, 27 de agosto de 2009.
- DUARTE JR; João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo: Papyrus, 2005.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009.
- FANTIN, Monica. O Processo criador e o cinema na educação de crianças. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine (Org.) **Educação e Arte: as linguagens artísticas na formação humana**. São Paulo: Papyrus, 2008.
- FARIAS, Sérgio. Arte, Educação e Conhecimento. **Revista Arte Educa**. Salvador: Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, v.1, n.1, p.54-57, dez. 2006.
- HETKOWSKI, Tânia Maria e LIMA, Maria de Fátima Monte. **Políticas Públicas de Formação, Diversidade Cultural e TIC**. Natal: UFIRSE, 2005.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.
- REIS, Ronaldo Rosas. **Educação e Estética: ensaios críticos sobre arte e formação humana no pós-modernismo**. São Paulo: Cortez, 2005.
- SALLES, Cecília de Almeida. **Gesto Inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Anablume, 1998.